

# a maldição dos pecados

série a maldição das santas, livro 2

kate dramis

Tradução de Luís Filipe Pontes



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para aqueles que têm medo de mostrar o seu pior lado...  
e para os que ousam encará-lo e mesmo assim nos amam.

*(E para Po, que me amou sempre, apesar desse meu lado.)*



EYERIIUM

OS RANOS

TRAHIR

RIMIA

MILSAIO

CHAMEN

Mar de Anpaf

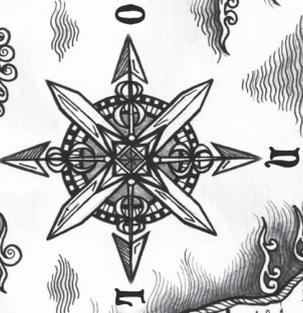
DUMERDEN

RIO LORE

TALIA

MIDLANDS

I RAKOS



A Ordem dos Visya, tal como desejada pelos Divinos Nove e registada no *Conoscenza*, que é o Livro dos Deuses:

**A Ordem dos Corpsoma: poderes físicos**

Zeluus: o poder da força

Anima: o poder da vida e da morte

**A Ordem dos Dultra: poderes dos elementos**

Incend: o poder do fogo

Caeli: o poder do ar

Terra: o poder da terra

Auqin: o poder da água

**A Ordem dos Espri: poderes da mente, da emoção e das sensações**

Sensainos: o poder das sensações e da emoção

Persi: o poder da persuasão

Saj: os estudiosos da magia

Há qualquer coisa no som de uma lâmina que rasga  
a carne e os ossos. Permanece, e as suas vibrações ecoam na mente  
muito depois de o sangue ter deixado de jorrar da ferida,  
como uma sinfonia obscura que vai em crescendo até à loucura.

Tira o sono a todos:

Uma santa relutante.

Um jovem rei.

Um justiceiro traiçoeiro.

Unidos pelas lâminas, pelo sangue e pelo fervilhar da guerra.

# Prólogo



MATHIAS DENIER NÃO ERA ESTRANHO AOS SÍTIOS MAIS ESCUROS e recônditos de Dunmeaden. Fez desses locais escondidos o seu reino, e as tabernas, os bordéis e os estabelecimentos decadentes de que ele era o «patrono» eram para Mathias uma espécie de corte real.

Estava acostumado à brutalidade da sua vida; as negociatas e o sangue. Às vezes até pensava que era bastante bela.

A escuridão era amiga do Rei dos Criminosos. Por isso é que ele ficou... *surpreendido*... ao sentir um arrepio de frio pela espinha acima quando observou os cinco Dyminara que estavam à espera na doca onde ele se encontrava.

Não tinha medo da força de elite da rainha Gianna. Ao passo que a maior parte dos Visya — os abençoados com um dos nove poderes concedidos pelos deuses — usava os seus poderes ao serviço do reino, os Dyminara de Gianna tinham sido treinados para utilizar impiedosamente os poderes que detinham, a pretexto de estarem a proteger a rainha e os cidadãos de Tala. Durante anos, Mathias ficara com as culpas de mais trabalhos sujos dos Dyminara do que aqueles que, pessoalmente, teria gostado, mas dessa forma as suas próprias ações pouco recomendáveis tinham escapado impunes.

Mathias supunha que era uma espécie de relação simbiótica.

Habitualmente, os Dyminara orgulhavam-se de permanecer invisíveis. Para estarem ali assim, tão *visíveis*...

Teve um pressentimento inexplicável que se lhe alojou no estômago.

Tinha reparado nas mudanças subtis que haviam acontecido na

cidade. A Guarda Real estava mais presente nos espaços públicos, os murmúrios sobre o recrutamento para as forças de Sua Majestade que estava em curso. Tudo isso eram preparativos para uma guerra que parecia agora ser inevitável.

— Estão aqui desde que se soube as notícias, chefe — disse uma voz suave, ao lado esquerdo de Mathias. Levantou o olhar dos guerreiros que vigiavam e ergueu o sobrolho para Dobbins. O rosto corado do homem robusto enrubesceu-se ainda mais ao passar a mão pelo seu forte cabelo castanho, demonstrando os nervos que sentia.

Dobbins era horrivelmente conspícuo. Mas não se importava de sujar as mãos, literalmente, algo que Mathias tinha surpreendentemente grande dificuldade em encontrar num reino de guerreiros. Supunha que tivesse alguma coisa que ver com *honra*. Uma coisa mesquinha.

— Não me deixes em suspenso, Dobbins — disse lentamente Mathias. — Que notícias são essas?

*Deve ser alguma coisa pouco importante. Mais um ataque de piratas, se calhar.*

— O rei Dominic morreu. Foi morto pelo sobrinho, por se aliar a Kakos e ter capturado a Segunda Santa.

Mathias sentiu o sobrolho a erguer-se ainda mais, em direção ao seu cabelo prateado, penteado para trás. Um monarca morto não era coisa pequena, mas no entanto quase não ligou a *isso*, depois da segunda informação que Dobbins revelara.

— Quem foi o fanático que te deu essas notícias? — Porque, na verdade, só os mais devotos é que iriam acreditar que uma *santa* se encontrava entre eles. Mathias conhecia a profecia. Um disparate completo.

Dobbins abanou a cabeça. — Dizem que as notícias vieram de Zuri, a conselheira da rainha.

Mathias quase bufava. Um alibi brilhante, sem dúvida proveniente de Tahir para retratar o resto da corte como inocente, de modo a evitar a ira do reino assim que se soubesse a notícia da traição do rei.

*E Gianna irá deixá-los saciar-se com a sua piedade, pensou Mathias.*

Dobbins continuou a tagarelar acerca do bordel onde estava, quando tinha ouvido o falatório às primeiras horas da manhã, mas Mathias já estava a pensar nos seus próprios planos. Fios que ele poderia puxar. Acordos que poderia fazer. Pessoas que poderia usar. Os tempos de agitação política eram ocasiões ímpares para obter proveitos, se uma pessoa estivesse preparada.

— A general foi libertada — dizia Dobbins.

Isso já chamou a atenção de Mathias. Tova tinha sido presa há vários meses, por suspeitas de traição. Tinha alegadamente sido encontrada com encomendas de armas, dos dois comerciantes de Trahir que foram mortos por fazerem essa compra em nome de Kakos. Esses atos eram ilegais, desde que tinha sido imposto um embargo ao reino do Sul ostracizado, por causa das suas experiências com magia negra.

— Dizem que ela caiu numa armadilha de Kakos — continuava Dobbins. — O que quer dizer que o fornecedor ainda anda por aí. Interessante, não é?

Mathias passou a mão pelo queixo, a observar os Dyminara. Era interessante, realmente. Ele nunca tinha sabido bem o que pensar das velhas suspeitas, de décadas, de que Kakos pretendia ressuscitar o «Decachiré» — a prática proibida com que os Visya tinham tentado ser deuses, procurando obter poder sem limites. *Supostamente*, a prática fora abolida pela guerra e interdita pelos deuses.

Mas os Dyminara tinham capturado um praticante da magia negra em Tala, há apenas alguns meses. Um «Diaforaté», como eram conhecidos: um Visya que tinha absorvido magia a partir de um outro, para conseguir criar poder corrompido em bruto. Tinha sido encontrado logo após os comerciantes de Trahir terem sido apanhados a tentar comprar armas para o reino do Sul.

Mathias não se tinha tornado no patife mais conhecido sem aprender a observar os sinais. Até ele não podia ignorar como tudo apontava para que Kakos estivesse a preparar-se para a guerra.

E com o fornecedor ainda a monte, talvez conseguissem obter as armas que queriam, no fim de contas.

— Alguém sabe quem ela é? Esta presumível *santa*? — A palavra soou como o fim de uma piada horrivelmente sem graça.

— Dizem que é a Terceira de Gianna.

Mathias já não conseguiu conter o desprezo. — Agora *sei* que apenas são boatos idiotas. Não é possível que os deuses escolhessem aquela... — Mathias nem sequer encontrou as palavras para descrever o que era a espia-mestre. Era uma dor de cabeça para ele, no mínimo.

Tivera contactos suficientes com a acrimónia da jovem espia para saber que ela não era nenhuma santa. O punhal dela tinha encontrado partes preciosas do seu corpo que chegassem para o comprovar.

Dobbins encolheu os ombros. — É o que dizem, chefe. Pelos vistos, a general arcou com as culpas pela primeira demonstração de poder dela.

Estava a protegê-la. De qualquer forma, imagino que a rainha vá chegar ao fundo das coisas. A santa, e isso. Ela é muito dedicada à fé.

Mathias murmurou alguma coisa evasiva.

Todo aquele maldito reino era dedicado aos deuses. Até Mathias fazia questão de assistir aos serviços religiosos mais importantes, no templo principal da cidade. É claro que as bênçãos que *ele* procurava não provinham de quaisquer divindades, mas dos cidadãos, cujos segredos ele podia negociar tão facilmente como as iguarias de Trahir.

Mathias endireitou-se ao erguer o olhar dos guerreiros. — Chega de bisbilhotice, Dobbins. Estamos atrasados.

O homem balbuciou as suas desculpas ao pôr-se em movimento, abrindo caminho até um antro de jogo. Estavam a dever um pagamento — o segundo desse estabelecimento, neste trimestre. Era exatamente por esse motivo que tinha trazido Dobbins para esta visita.

Mathias suspirou, pois o dia já lhe pesava, e olhou de soslaio outra vez para os Dyminara quando foi embora.

Estavam claramente à espera de alguém.

Ele esperava que ela estivesse pronta.

PRIMEIRA PARTE

# Deikosi



# 1



O frio do chão de mármore desapareceu, apagado pelo calor do sangue. A superfície ficava manchada de vermelho à medida que o sangue se acumulava sob as suas faces e ela deslizava para a morte.

Pestanejou, e os limites do quarto iluminado ficaram ainda mais desfocados. Ecoavam das paredes gritos de terror, enquanto ela lutava para levantar o queixo, com os olhos à procura daquela âncora que estava sempre presente. O quarto começou a ficar menos desfocado quando ela pestanejou novamente.

Ali. Estava ali uma figura caída no chão, junto dela, com a mão ligeiramente estendida, como se estivesse a tentar alcançá-la.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

A negação latejava-lhe na cabeça, tão nítida como os gritos que ecoavam pelas paredes.

Ele não podia estar morto. *Não podia* estar morto, porque havia algo que ainda gritava, que ainda rugia, que ainda implorava.

O seu olhar focou-se no rosto dele.

Os olhos cinzentos não tinham vida.

Os gritos transmitiam o mais profundo desespero, enquanto uma sensação de ardor lhe rasgava a garganta.

Só nesse momento é que os sentiu como sendo dela.

— Uma santa teimosa — murmurou uma voz acima dela. Levantou os olhos, mais e mais para cima, à procura do responsável pelo seu sofrimento.

Mas era um rosto suave, aquele que a fitava.

Cabelo dourado. Olhos castanhos. Um vestido branco.

Os cantos da boca da mulher, em forma de coração, estavam descaídos, com piedade, quando ela olhou para o corpo sem vida. A mão de Will ainda estava esticada, tentando chegar a ela, mesmo na morte.

— Talvez *agora* te comportes bem — disse Gianna. — O que achas, Aya?

O seu nome ecoou pelo quarto, cadenciando com o terror que lhe aranhava o peito.

*Aya.*  
*Aya.*  
*AYA.*

— AYA!

Aya engasgou-se, sentindo o ar salgado a queimar-lhe os pulmões quando respirou, ofegante e em pânico. Mal via a silhueta que se debruçava sobre ela antes de se mover, esticando a mão para agarrar a garganta da figura.

*Eu mato-a. Eu mato-a. Eu mato-a.*

Mas dedos gentis e quentes agarraram-lhe o pulso, segurando-lho junto à cabeça, e um corpo firme pressionou o dela.

Aya lutou contra aquela pressão, mas o seu outro braço também foi imobilizado e ela não se conseguia mexer, não conseguia *respirar*, com a mente em pânico total, sem conseguir debater-se com o seu poder, e...

— Sou eu — disse uma voz rouca —, sou eu. Estavas a sonhar.

Havia um tom de familiaridade imediatamente sob a superfície do pânico dela, mas a adrenalina ainda estava a aumentar e o medo que sentia era uma coisa visceral que lhe tomava a garganta e fazia com que a respiração ficasse ofegante. A presença inconfundível do poder de um Sensainos atravessou o seu escudo estilhaçado, e uma calma fresca abateu-se sobre as arestas afiadas do pânico que ela sentia. Aquele poder enroscou-se em torno das sensações interiores dela e *puxou*, estimulando o seu pulso a ficar mais lento e os pulmões a abrirem-se. Isso chegou para expulsar as visões persistentes daquele pesadelo para fora da percepção de Aya.

Ela pestanejou, e aqueles olhos castanhos tornaram-se cinzentos.

— Will — o nome dele saiu num suspiro de alívio e o rosto surgiu mais nítido, mesmo que a respiração dela ainda fosse irregular.

— Respira, amor.

Surgiu mais uma vaga do poder dele, desta vez mais suave, que se debateu com o pânico que ainda restava. Aya sentiu os músculos a relaxar e a afundar-se no colchão por baixo dela, e o peito ficou ligeiramente menos tenso. Will esfregou o lado interior do pulso dela com um polegar, mergulhando a cabeça para Aya e passando os lábios pelo espaço logo abaixo da orelha dela.

Uma segurança silenciosa.

Ela sentia o coração dele a bater-lhe contra o peito, e ele soltou uma expiração trémula, sussurrando contra a sua pele:

— Estás a salvo. — Os lábios dele tocaram-na mais uma vez, e falou novamente, como se também precisasse de ouvir aquelas palavras. — Estás a salvo.

Aya demorou mais um instante a aperceber-se do ranger do navio. O seu olhar percorreu a pequena cabina, ajustando os olhos à escuridão, ajudada pelo luar que entrava por uma grande escotilha, do lado direito. Lançava sombras trémulas na pele bronzeada do peito de Will, à medida que ele lhe largou os pulsos e se sentou sobre os calcanhares.

*A salvo.*

Aya sentou-se e apoiou os braços nos joelhos. Deixou pender a cabeça, respirando fundo e deixando que o ar lhe entrasse nos pulmões. O poder de Will roçou contra ela mais uma vez, uma simples carícia, e aquela pequena sensação de paz entrou mais profundamente nela, como se a própria essência dele lhe estreitasse os ossos. Ajudou-a a afastar o bater do coração para mais longe da garganta, o suficiente para que ela conseguisse murmurar um «obrigada» suave, numa voz rouca por causa dos gritos que dera.

*A salvo.*

Não.

Não estavam a salvo.

E tinha sido uma tolice tentar fingir que se encontravam sequer perto de estarem a salvo.

Cinco dias. Cinco dias no mar, que Aya tinha gastado a tentar distrair-se com treino, deuses, com o Will, só para tentar encobrir o medo que penetrava nos seus sonhos durante a noite. Tinha sido tão fácil convencer-se de que eles mereciam um momento de pausa, depois de tudo aquilo que tinha acontecido em Trahir.

Aya ergueu a cabeça, olhando para o cabelo negro de Will em desalinho, que se encaracolava devido ao ar húmido do mar. Tinha os olhos alerta.

— Estavas acordado.

Will passou uma mão pelo cabelo.

— Estava.

Tal como tinha estado acordado todas as noites, antes que os sonhos dela a arrastassem para fora dos poucos minutos de paz que podia ter no sono.

Seguiu-se um profundo silêncio. Ele nunca a pressionara. Nunca a tinha forçado a falar sobre aquilo que fazia com que ela gritasse a dormir, tal como nunca dizia porque é que estava acordado quando isso acontecia. Era

como se tivessem chegado a um acordo tácito para aproveitar o máximo que fosse possível daquele alívio fugaz.

Os deuses sabiam bem que iria terminar quando regressassem a casa, a Tala.

Aya engoliu em seco ao ver a exaustão instalada nas feições de Will — o esgotamento que ele fingia não existir quando esgrimiam, treinando no convés principal durante o dia, tal como ignorava a dor que sentia de lado. O olhar dela esvoaçou para essa cicatriz, a linha irregular vivamente vermelha no sítio onde Peter, o Segundo do rei Dominic, cravara o seu punhal, naquele maldito salão do trono.

— Quase não dormiste desde que partimos — disse ela com suavidade.

Will olhou pela escotilha durante um longo instante, franzindo levemente o sobrolho.

— Não consigo — admitiu ele, por fim, com um pesar na voz que continha muito mais do que falta de sono.

Não era apenas uma confissão.

Era uma rendição.

E foi suficiente para que Aya se mexesse, pondo as pernas em volta dele e sentando-se ao seu colo, com os braços à volta do pescoço de Will. As mãos dele encontraram as ancas dela e puxou-a mais para si, num aperto quente através do tecido da camisa dela — que era *dele* e que ela lhe tinha surripiado para vestir à noite, deixando que o seu perfume de madeira e mel com especiarias a envolvesse completamente, tal como os braços dele estavam nesse momento a fazer.

Ela sentiu a libertar-se alguma da tensão que Will trazia, quando ele encostou a sua frente à dela, com um suspiro.

Por alguns longos momentos, inspiraram-se simplesmente um ao outro. Os olhos de Will mantinham-se fixos nos dela, como se conseguisse ler-lhe os pensamentos.

— Fala comigo — murmurou ele finalmente.

Porque, pelos vistos, cinco dias de silêncio sobre certos assuntos era muito tempo.

Aya mexeu o maxilar. Ainda era tão recente — aquilo que se passava entre eles... Ou, pelo menos, o reconhecimento de que existia alguma coisa. Ela ainda não estava habituada a partilhar os seus receios com ele. Pelos deuses, ela mal os partilhava com Tova, e ela tinha sido a sua melhor amiga desde que tinham aprendido a andar.

— Ela matou-te — admitiu Aya com suavidade —, no meu sonho.

— Gianna?

Aya acenou com a cabeça e Will ficou novamente em silêncio. Ele não dizia banalidades, não fazia promessas vãs de facilidade em relação àquilo que se avizinhava; somente a sua presença firme, como uma âncora, enquanto refletia sobre todas as emoções que lhe pesavam enormemente no peito.

— Desde que fiquei a saber do meu poder... é como se não me conseguisse equilibrar. Como se estivesse sempre um passo atrás — continuou ela, devagar. As mãos de Will tentavam acalmá-la, com carícias nas costas, acima e abaixo, enquanto Aya se esforçava por respirar de forma regular. — Ir para casa, assim... sem saber aquilo que nos espera...

*Um corpo quebrado.*

*Uma mão esticada.*

*Olhos cinzentos, vazios.*

Engoliu o resto das palavras quando inclinou a cabeça para trás, para que o pudesse ver totalmente, abarcando as feições de Will para tentar eliminar as visões do pesadelo.

— Preciso de saber se Lorna tem razão. De saber se Gianna pretende utilizar o meu poder para rasgar o véu e chamar os deuses.

— Eu sei — murmurou Will suavemente, com o rosto marcado pela tensão. — Confio em Lorna tanto quanto em Gianna, e isso só complica as coisas.

Aya não ficou surpreendida por Will colocar a mãe na mesma categoria da rainha. Durante anos ele tinha pensado que Lorna estava morta, até que ela o abordou durante uma das suas viagens a Rinnia. Ela era uma Saj, dotada da visão, e era descendente de quem outrora tinha profetizado a vinda de uma Segunda Santa.

*«Se a escuridão regressar, os deuses não nos abandonarão. Porque surgirá uma outra da sua espécie, renascida para corrigir o maior dos males.»*

Lorna tinha simulado a própria morte e fugido para Trahir, a fim de garantir que Gianna nunca saberia da sua relação com a profecia, nem da sua própria visão: que o véu, a divisão criada pelos deuses entre o seu mundo e o Além, estava frágil. Rasgado. Vulnerável.

O que fora que Lorna dissera?

*Que melhor maneira tem a vossa rainha de se vingar daqueles que cospem nos deuses dela, senão invocar a ira dos próprios deuses?*

Aya não sabia bem o que pensar. É verdade que Gianna era devotada aos deuses. Mas os deuses tinham prometido que o seu regresso significaria

a destruição do mundo inteiro. Arriscar a fúria dos Divinos, arriscar *todo o mundo*, para impedir que Kakos recriasse o Decachiré?

Difícilmente fazia sentido.

Contudo, a confiança de Aya na sua rainha tinha morrido em Trahir, juntamente com outras partes dela, que ainda tinha de examinar de mais perto. E Lorna... tinha abandonado o seu filho, a *sua vida*, porque acreditava tão completamente no zelo de Gianna.

Não podiam simplesmente ignorar isso.

Aya respirou fundo antes de prosseguir:

— A minha posição enquanto... santa... — pelos deuses, ela mal conseguia dizer aquela palavra — é-nos favorável. Quanto mais Gianna acreditar que eu sou uma enviada dos deuses, mais posso jogar com a religiosidade dela... vai confiar em mim. Se não for por qualquer outra razão, pelo menos por querer sentir que tem uma ligação única com os Divinos. E assim podemos conseguir algumas respostas.

O olhar de Will era duro, mas deu um suspiro resignado.

— Já sabia que ias chegar a essa conclusão.

Aya ergueu o sobrolho.

— Tens um plano melhor?

Ele aclarou a voz e esticou as mãos, mais uma vez, sobre as ancas dela.

— Lorna pode não ser de confiança, mas tinha razão numa coisa: a Gianna *tem* maneiras de obter respostas.

Aya franziu a testa ao recordar a insinuação de Lorna — que o seu próprio filho seria usado contra ela. Que Will a magoaria voluntariamente, ao serviço da rainha. Para obter as respostas que Gianna pretende.

Abriu a boca para responder, mas Will prosseguiu antes que ela pudesse dizer alguma coisa.

— É verdade. Saí de Tala com uma certa reputação. É preciso que ela se mantenha quando regressarmos.

Aya meditou lentamente naquelas palavras. Ambos tinham reputações a manter. Ela era a Terceira de Gianna e Will era o Segundo da rainha, o Príncipe Negro de Dunmeaden, o Justiceiro de Gianna e...

— Não. — Aya ficou surpreendida com a aspereza na própria voz. Mas o sentido por trás das palavras dele, saber porque é que a sua expressão era tão séria, foi-lhe finalmente revelado, e ela sentiu o pulso a aumentar de frequência quando isso aconteceu.

Ele não podia estar a falar a sério. Não devia estar a querer dizer que...

— É disso que ela está à espera.

— *Não*. — Aya saltou da cama, esfregando com o polegar a cicatriz na palma da mão, um símbolo daquilo que todos eles eram uns para os outros.

— Não vou voltar a Tala nas boas graças dela — atalhou Will, seguindo-lhe o raciocínio —, não respondi às últimas cartas da Lena.

Essa Persi, que também fazia parte dos Dyminara, tinha assumido a busca pelo fornecedor em Tala e também se encarregara da correspondência com Aya e Will enquanto estavam fora. — Quando chegarmos a casa, a última vez que Gianna teve notícias minhas foi há mais de um mês. Só por causa disso é ingénuo pensar que não serei castigado, apesar da carta de Zuri a explicar o que aconteceu.

— Estás à espera de que isso me convença que te deves *aproximar* dela? — perguntou Aya, incrédula. — Fingir que és...

Ela não conseguia articular as palavras.

O Segundo de Gianna. O Justiceiro da rainha.

E o seu alegado amante.

Uma mentira — uma máscara que ele pôs para ficar perto da rainha e fazer com que a atenção dela se afastasse de Aya.

— Estou — confirmou Will. — Ambos sabemos que vou ter de pôr em prática todos os meus talentos para conseguir mais uma vez os favores dela. Esse talento foi-me bastante útil. Ela vai estar à espera disso, Aya. E, se eu me aproximar dela, isso quer dizer que vamos ter acesso a informação.

Will falava, mas Aya mal o ouvia por sobre o rugido que sentia nos ouvidos. Ouvir aqueles rumores, ver como Gianna o varria com o olhar, como se mal pudesse esperar despi-lo quando estivessem sozinhos...

*O brinquedo da rainha. O prostituto real.*

— Não tens de ser tu — silvou ela —, *não devias* ser tu.

— Aya...

— Sou *eu* quem ela quer. Foi isso que disseste. Ela quer o meu poder, e temos de saber porquê. Por isso, a melhor jogada é deixá-la pensar que ela tem à disposição a arma que tanto desejava. Ela confiará em mim.

— Aya...

— O que quer dizer que não vais precisar de fazer isso outra vez. Ganhar a confiança dela, como seu Segundo, tudo bem, mas não, não tens de...

A frustração de Aya aumentava, ao atrapalhar-se com as próprias palavras. Will não tinha de se destruir a si mesmo por ela. Não desta vez. Não quando Aya poderia utilizar a sua posição para vantagem de ambos. Ela

poderia manipular Gianna da mesma forma que Gianna a tinha manipulado. Ela poderia usar os métodos que Gianna lhe tinha oferecido — o treino que Gianna lhe tinha proporcionado — e fazer de conta que era a santa fiel da rainha. E ao fazê-lo poderia obter respostas quanto àquilo que Gianna pretendia exatamente da Segunda Santa.

Mas não dissuadiu Will. — Isto não é só para conseguir informação, Aya! — atirou.

— Então, *para o que é*, raios?

— Proteção! — A palavra ecoou por muito tempo, no silêncio que se seguiu. Will abanou a cabeça, com as feições contorcidas por alguma coisa parecida com dor. — Dominic sabia — sussurrou —, ele sabia aquilo que somos um para o outro, e *usou-me* para chegar até ti. Não vou permitir que Gianna faça o mesmo. Não serei uma arma à disposição dela, para ser usado contra ti. Se ela souber aquilo que somos um para o outro, é precisamente isso que vou ser.

— Quando ela vir o meu poder, vai saber que não pode brincar comigo...

— Ela suspeitava que tivesses esse poder e isso não a impediu de usar Tova. — As palavras foram ditas com suavidade. Em voz baixa. Mas cortaram o argumento de Aya como se fossem uma faca. Fechou a boca e olhou para Will, mas ele não cedeu. Enfrentou toda a raiva no olhar dela com a sua própria teimosia.

— Ela manteve na prisão a tua melhor amiga, sabendo que era inocente. Deixou que Tova ficasse com as culpas, não só pela tua demonstração de poder no mercado, como também por aquela merda das encomendas de armas com que Tova não tinha nada que ver, e ela *sabia*. Pelos deuses, pelo que sabemos, Gianna pode tê-la usado para te incriminar, da mesma maneira que Dominic o fez. Toda a proteção que me pudesses dar iria desaparecer a partir do momento em que ela percebesse que me pode usar para fazer com que tu lhe obedechas!

A respiração de Aya tornou-se irregular e ela abanou a cabeça.

— Para.

Mas Will deu um passo para ela. — Ela vai usar-me como isco, da mesma forma que Dominic o fez...

— *Para*.

— *E eu não admito isso* — concluiu ele, com as palavras a saírem-lhe por entre os dentes cerrados. Estava em frente de Aya, com as mãos postas no rosto dela, e levantou-lhe a cabeça para que olhasse para ele. Os olhos

de Will percorreram-lhe o rosto, lendo cada pedacinho de obstinação que lá estava escrito.

— *Porque é que estás tão contra este plano?*

— Porque... — Aya esforçava-se por falar. Sentia uma tristeza dolorosa a rastejar por ela acima até à garganta, que lhe embargava a voz, apesar de ela a reprimir.

Os olhos de Will faiscaram de frustração. — Sabes que não é verdade. E conheço-te o suficiente para achar que não é mero ciúme ou aversão em manter aquilo que temos entre nós. Então, *porquê?* Porque esperarías que eu não usasse *tudo* aquilo que tenho no meu arsenal para nos ajudar agora?

A frustração que Will sentia cresceu ainda mais ao ver que ela continuava a reprimir as palavras, e baixou a voz ao praguejar.

— Raios, Aya...

— Porque é *mais um* sacrifício que vais fazer! — A verdade saiu-lhe como água a jorrar de um dique furado, e Aya afastou o rosto das mãos dele com um passo atrás. — E já fizeste sacrifícios *suficientes!*

Sim, ela conseguia ver o raciocínio inerente ao plano dele — mantendo ambos o seu relacionamento em segredo e Will usando o seu charme para reconquistar a atenção de Gianna. Mas ele tinha posto essa máscara *por ela*. Durante anos tinha aperfeiçoado as suas capacidades e tinha-as transformado numa coisa brutal e encantadora. Tinha ascendido até se tornar no Segundo de Gianna e tinha iludido a rainha de modo a que se concentrasse nele e não reparasse em Aya.

Apesar do ódio de Aya. Apesar dos rumores que se seguiram.

E ele era desprezado e odiado por isso. Temido, até. Mas nunca tinha sido visto por aquilo que era na realidade. E talvez o reino nunca chegasse a ver o Will que ela agora conhecia, mas pelo menos podia poupá-lo àquilo.

Pelos deuses, ela tinha o poder de o poupar *àquilo*.

Lentamente, Will reaproximou-se dela. As suas mãos abarcaram-lhe as ancas, com um toque firme mas suave, puxando-a para si.

— Isto não é um sacrifício — insistiu. — Não preciso que o mundo saiba a verdade sobre mim. Desde que tu saibas... isso é o suficiente. Será sempre suficiente para mim.

Aya pestanejou para acalmar o ardor que sentia nos olhos.

— E a tua proteção? — perguntou, ofegante. — Quem é que te protege a ti?

O canto dos lábios de Will contraiu-se quando agarrou na mão dela e a colocou contra a cicatriz no seu abdómen, onde ela o tinha curado.

— Tu.

Isto já era familiar. No fim de contas, eram espelhos um do outro. Para cada pedacinho de teimosia que ela lhe opusesse, ele responderia na mesma medida. Mas, ao passo que antes isso levava a uma luta sem tréguas, que ela geralmente iniciava, agora a frente de Will encostava-se à dela, suspirando.

— Por favor, não faças com que eu me torne num perigo para ti — prosseguiu, com a voz rouca —, não conseguiria sobreviver a isso.

Apesar da raiva que sentia a latejar, apesar do medo, da frustração e da teimosia que ela não tinha a certeza de alguma vez conseguir afastar, Aya fechou os olhos e abandonou-se ao abraço dele.

Ela detestava que, apesar daquela grande vaga de emoção que a percorria, conseguisse ver a lógica nas palavras de Will, e não apenas porque estavam desesperados por obter respostas acerca das motivações de Gianna relativamente ao poder de Aya. *Esta* era a maneira de Aya o proteger — deixá-lo fazer com que Gianna pensasse que não havia motivo algum para que Aya se preocupasse com o destino de Will.

— Está bem — murmurou ela. — Mas só até que descobramos o que ela pensa fazer com o meu poder. Então, nós... nós veremos o que fazer.

Will pôs os seus lábios nos dela, quentes, suaves e firmes, como ele. Não havia calor neles, somente uma devoção sólida que fez com que os músculos contraídos dela se relaxassem ao entregar-se mais a ele, passando as mãos pelo peito dele acima até se fixarem atrás do seu pescoço.

Ele afastou-se quando ela estava totalmente sem fôlego, com um susurro na Língua Antiga a roçar nos lábios dela e que Aya não conseguiu perceber, quando ele a beijou novamente.

— Então está decidido — disse Will, numa voz suave mas clara, dessa vez. — Quando voltarmos, vamos os dois usar as nossas ligações a Gianna para conseguirmos saber o que pudermos. E quanto a nós... diremos que alguma mudança na nossa relação anteriormente hostil se deve a nos termos... tornado aliados.

Aya não conseguiu deixar de escarnecer da palavra, mas Will sorriu apenas. — Certamente que não será difícil se fingires estar aborrecida comigo de vez em quando.

— Tenho a certeza de que vou conseguir fazer isso — murmurou Aya.

O sorriso dele cresceu ao baixar a cabeça, tocando com o nariz no dela. — Como é que o meu ego irá suportar o teu tormento?

Aya revirou os olhos. — Vais sobreviver.

Os lábios dele pousaram no maxilar dela, e Aya inclinou a cabeça para trás.

— Pelo contrário, Aya, amorzinho — sussurrou contra a pele dela —, tenho a certeza de que vais ser a minha morte.

*Deuses.*

Havia um calor suficiente nas suas palavras para que Aya lhe levantasse a cabeça, interessada apenas em que os lábios dele encontrassem os seus, num beijo repleto de urgência. Ele devorou-a, beijando-a até que a respiração dela saísse ofegante e as suas ancas encontrassem as dele, inconscientemente.

— Mudaste de ideias sobre o esforço físico que podemos fazer? — murmurou ele a beijar-lhe a boca e a levá-la para a cama.

Houve arrogância que chegasse na pergunta e ela retraiu-se, querendo que ele sofresse, mas a boca de Will descia pelo pescoço dela abaixo, e ele estava claramente decidido.

Cinco dias no mar, cada um deles passado a treinar e a distraírem-se um ao outro, a *aprender* as diferentes partes um do outro, quanto mais não fosse para evitar o medo e o receio daquilo que estava para vir. Apenas para fugir às visões que ficavam dos seus pesadelos.

E contudo... ainda não tinham cruzado juntos aquela última linha.

Não porque ela alguma vez se tivesse preocupado em esperar. Aya não negava o prazer da companhia de outros na cama.

Mas...

*Assim não.*

Não quando o horror lhes afogava as palavras e o medo os acordava durante a noite. Não quando as feridas que ambos tinham mal haviam começado a sarar e a cicatrizar.

Aya mordeu o lábio quando afugentou da voz o desejo que sentia. — Penso que foste *tu* quem disse que não querias estragar a experiência com a tua ferida.

Will deu uma gargalhada com os lábios no pescoço dela, e soltou um gemido de resignação.

— Pela minha morte, juro.

## 2



**W**ill nunca tinha pensado muito sobre o conceito de «casa». Na infância, a casa onde vivera tinha sido um lugar frio e repleto da desilusão amarga de um pai cujas expectativas nunca podiam ser correspondidas. Tinha pairado sobre Will como uma nuvem, cada vez mais negra, sobretudo nos anos que se seguiram à partida da sua mãe.

Ele pensava que aquilo que tinha encontrado e que mais se assemelhava a uma sensação real de conforto eram os Aposentos, mas até eles possuíam algumas características indesejáveis. Os olhares cerrados dos outros Dyminara. Os murmúrios que eles julgavam que ele não conseguia ouvir. Os olhares de desejo de quem ele seduzira para tentar encontrar algo que lhe desse uma sensação de pertença.

Pelo menos aí tinha merecido o seu julgamento.

Não, Will nunca tinha pensado muito no conceito de casa. O único lugar de Tala onde ele se sentia realmente instalado eram as montanhas — nas encostas isoladas que ele percorria com *Akeeta*, o seu lobo Athatis, longe dos olhares, dos murmúrios e das máscaras que ele tinha escolhido colocar.

Mas, à medida que as altas montanhas das Mala se aproximavam e as suas silhuetas imponentes dominavam o convés do navio, como se fossem algo saído diretamente dos sete infernos, Will sentia-se incomodado com a sua presença como nunca antes acontecera.

E, à medida que deslizavam para dentro da baía e as docas de Dunmeaden se iam tornando mais distintas e visíveis do lugar onde ele e Aya estavam, aquela sensação de temor intensificava-se.

O porto estava tipicamente cheio de barulho e movimento, em especial devido à proximidade da Rouline, o bairro de entretenimento de Dunmeaden. Mas nesse dia tinha-se instalado uma espécie de zumbido silencioso, e Will apostava que isso se devia aos cinco guardas que vigiavam, junto à água.

Mesmo àquela distância, Will soube exatamente quem eram.

Cinco Dyminara, cada um deles vestido com o traje negro de batalha.

Dessa vez, Will amaldiçoou os esquifes dos mensageiros que percorriam

velozmente o mar de Anath com a ajuda dos Caeli e do seu poder de manipulação dos ventos. A carta de Zuri — e os boatos da corte, já agora — teria chegado muito antes dele e de Aya. E, ainda que supostamente isso lhes devesse ser vantajoso, não parecia que o tivesse sido.

— Que coisa encantadora — murmurou Will, voltando-se para Aya. O ombro dela roçava no dele. — Um comité de boas-vindas.

Aya soltou um som de escárnio. Virou os olhos para ele, com o seu olhar azul penetrante, antes de olhar novamente para o porto. — Estão a passar uma mensagem.

Will sussurrou, concordando. — Tenho várias teorias acerca do que será essa mensagem — murmurou — e nenhuma me enche de alegria.

Aya mexeu a mandíbula. Will não precisava de usar o seu poder para sentir a tensão que a agitava cada vez mais, enquanto se aproximavam dos guardas que estavam à espera. E talvez não fosse altura disso, mas não conseguiu evitar usar o incitamento familiar que tinha sido sempre tão eficaz em provocar Aya.

— Já tu, por outro lado... — prosseguiu, baixando a voz até que ela saísse como o ronronar de um gato, olhando para a camisola de lã preta que ficava larga nela. A camisola *dele*, que lhe tinha dado porque o vestuário que ela trouxera de Trahir não servia para aquelas paragens, em que o frio permanente se recusava a libertar Tala das suas garras até aos últimos meses de verão. — Já te disse alguma vez que é muito excitante ver-te com a minha camisola?

Aya não mudou de expressão, com o olhar ainda posto nos Dyminara.

— Achas que é altura para esses sentimentos?

Não era. Mas os ombros dela estavam suficientemente tensos para que ele encolhesse os dele. — Só tenho pouquíssimos instantes para te cobrir de elogios antes de ter de fingir que não quero provar que pareces ainda melhor *sem* as minhas roupas. Com certeza não me podes recriminar por tentar aproveitá-los todos e cada um deles.

A tensão dela esmoreceu, mas só um pouco. Ele podia ver isso no lábio contorcido quando ela se virou para o olhar. — És impossível.

A mão dele tocou na dela quando baixou a cabeça, com os lábios quase a roçar na orelha dela, quando sussurrou:

— Pronunciaste mal «perfeito».

Deu uma gargalhada abafada, e, apesar do desconforto que se instalara no seu ser, alguma coisa no seu peito ficou mais leve. Ele afastou-se dela um pouco, fitando a tripulação que preparava o passadiço para o desembarque.

Passou com os dedos na cicatriz que trazia na palma da mão — a marca do juramento que tinham feito.

*Não importa a profundidade da queda.*

As palavras ressoaram dentro dele, ao obrigar-se a assumir a máscara de insolência sutil que ele sabia que os colegas estariam à espera de ver no seu rosto, enquanto os trabalhadores das docas apanhavam as cordas lançadas e começavam a atracar o navio. Já estavam suficientemente perto para que ele conseguisse identificar os Dyminara que os aguardavam.

Liam e a sua gémea, Lena. Uma jovem Sensainos chamada Cleo. Phillip, um Zeluus brutal. E um Anima, de cujo nome Will não se lembrava.

Liam e Lena esperaram até que o passadiço tivesse sido completamente baixado para se moverem, e com rápidas passadas os dois Persis dirigiram-se ao navio. Rapidamente estavam a bordo e atravessaram o convés, até onde Aya e Will se encontravam.

A última vez que Will vira Liam, ele tinha o cabelo rapado dos lados e comprido no topo da cabeça; agora, usava-o todo do mesmo tamanho, curto e rente à cabeça. Tinha a mandíbula quadrada cerrada quando os viu, cruzando os braços sobre o peito. A irmã gémea estava ao lado dele, com os cachos do cabelo presos num puxo. Uma cicatriz desfigurava-lhe a pele castanho-escura de um dos lados do rosto — algo que ela não exibia da última vez que Will a tinha visto.

— Que receção — disse Will devagar, erguendo o sobrolho.

— Também é bom ver-te, Justiceiro — retorquiu Lena, com as mãos apoiadas nas ancas. Will não deixou de reparar no modo como os dedos dela tocavam ao de leve no pomo da sua espada. Lena tinha tido sempre um ar confiante, mas nesse dia... tinha uma certa pose arrogante que o fez ranger os dentes. Via-o na forma dos ombros dela, na saliência do seu queixo, no brilho que tinha nos olhos castanhos.

Lena queria arrogância? Will iria mostrar-lhe o que é a arrogância.

— Ah, Lena, gostava de poder dizer o mesmo — referiu —, se não estivessem a receber-nos como se fôssemos uns criminosos.

Lena revirou os olhos, mas Liam deu um passo em frente, olhando agora para Aya. — É para a segurança dela — replicou laconicamente. Havia alguma coisa debaixo daquela explicação, algo que Will ainda não conseguia discernir. — Estamos aqui para vos escoltar até Sua Majestade.

Aya inclinou ligeiramente a cabeça. — Isto é um bocadinho espalhafatoso, não é?

Liam varreu as docas com o olhar, para a frente e para trás.

— É — murmurou —, mas mais vale ter segurança a mais agora do que lamentar depois.

Lena ergueu uma sobrancelha. — Mais alguma reclamação, ou podemos ir?

— Estou a ver que alguém anda irritadiça — ironizou Will.

Lena deu um passo para ele. — Porque será? Desapareces de repente, deixas de responder às perguntas, e aquilo que sabemos a seguir é que se espalharam notícias acerca da Segunda Santa por toda a parte. Notícias que põem em risco o *nosso povo*, agora que se sabe que ela existe e que vive aqui! — Lena fitava-o com um olhar furioso, que Will enfrentou sem pestanejar.

Ela não estava errada. Era o mesmo argumento que Aya tinha dado a Aidon em Trahir, antes que tudo se desencadeasse. Supostamente, manter em segredo a identidade de Aya destinava-se a dar-lhes uma vantagem na guerra. Mas isso já não era possível, e Will não precisava das lições de Lena.

Ele era o Segundo de Gianna e Aya era a Terceira. No entanto, estavam a ser tratados como quaisquer recrutas dos Dyminara.

— Certamente juntaste as peças, Lena — murmurou Will. — Deixei de receber as tuas malditas mensagens. Penso que talvez também tenhas deixado de receber as minhas. Tu *sabes* que o falecido rei de Trahir estava em conluio com Kakos, não sabes? *Imagino* aonde é que as nossas cartas foram parar.

Era uma desculpa plausível, mas, ainda assim, Lena levantou as sobrancelhas, como se estivesse espantada.

— Esperava mais do Príncipe Negro de Dunmeaden.

O sorriso de Will saiu-lhe mordaz. — E como é que foi a tua busca pelo fornecedor de armas, Lena? Encontraste a pessoa responsável por tentar abastecer Kakos, que começou isto tudo?

Era um golpe baixo, e talvez fosse perigosamente insensato, mas Will não conseguiu deixar de sentir satisfação ao ver os olhos de Lena a rebrilhar de fúria.

Liam abanou a cabeça e pôs-se entre a irmã e Will. — Já chega.

Lena virou as costas e caminhou para a prancha de desembarque, com passos resolutos.

— Venham — disse Liam calmamente —, Gianna está à espera.

O TEMPO PARECEU DISTORCER-SE QUANDO WILL SEGUIU LIAM em direção ao palácio. Alternava entre etapas mais rápidas e mais lentas,

o que fez com que sentisse que o percurso pelo caminho sinuoso acima tinha sido demasiadamente rápido e excessivamente demorado, ao mesmo tempo.

Receava este reencontro com Gianna desde que ele e Aya tinham partido de Dunmeaden, há quatro meses. Nalguns breves instantes, em Trahir, Will tinha sonhado levar Aya para longe dali e nunca mais regressar. Mas, tal como tinha aprendido tantas vezes, a esperança era uma coisa perigosa. Confundia a mente e enfraquecia as defesas.

Passaram pelos portões de ferro que assinalavam a entrada dos domínios da rainha e Will reparou nos olhares curiosos que a Guarda Real, vestida com as suas librés em tons de carmesim, lhes lançava. Olhares iguais aos que tinham recebido na cidade. Will suspeitava que isso se podia dever, em parte, às notícias a que Lena fizera alusão. Mas talvez também fosse por causa da maneira como os Dyminara se colocaram à volta dele e de Aya: um de cada lado, dois à retaguarda e Liam à frente.

Uma escolta de prisioneiros.

Aya manteve-se em silêncio durante todo o caminho, mas Will conseguiu sentir a tensão dela a crescer, quando avistaram o palácio.

Tinha sido sempre uma estrutura formidável, com os seus torreões altivos de pedra, construídos com o mesmo granito que formava a muralha de Dunmeaden, que rodeava o complexo e os terrenos para lá dele. Will não conseguiu evitar ter um pressentimento pesado, que emanava das pedras.

Entraram no palácio e Will puxou os ombros para trás, metendo as mãos nas algibeiras. Liam levou-os mais para dentro do palácio, passando pelo longo corredor que conduzia aos aposentos de Gianna, onde a rainha se reunia habitualmente com a sua «Tríade», e dirigiram-se ao coração do castelo.

Will cerrou o maxilar quando percebeu exatamente para onde é que o Persi se dirigia.

A sala do trono de Gianna. O lugar que ela reservava apenas aos assuntos mais sérios.

Mais uma mensagem.

Mas Liam virou à esquerda, levando-os em vez disso para uma antecâmara situada ao lado das imponentes portas duplas que serviam de entrada para a sala do trono.

*Sete infernos.*

Trahir tinha feito com que Will ficasse paranoico.

Entraram no compartimento circular de chão cinzento, formado por

pedras redondas e com paredes de pedra áspera, típicas da arquitetura do castelo. Mas, ao passo que a maior parte das divisões do palácio eram iluminadas por tochas trémulas, esta recebia os raios do sol, que passavam através da janela de vitrais arqueada que se encontrava do outro lado do compartimento. O vitral representava uma reunião dos Divinos Nove no pico mais alto das Mala — no dia em que tinham criado os Visya.

Sob a janela, no seu vestido branco que dançava com reflexos tremulantes vermelhos, amarelos, cor de laranja e azuis, estava Gianna, com uma coroa de ferro que adornava o seu cabelo castanho-dourado.

Pararam no meio da antecâmara, e, tão suavemente como no dia em que partira, Will baixou um joelho juntamente com os outros, tocando ao de leve com o polegar na sua nova cicatriz quando levou o punho ao peito, com o olhar fixo no chão.

— Os Divinos sejam louvados — disse Gianna num sopro, avançando para eles. — Estava tão preocupada.

Pelo canto do olho, Will viu-a agarrar nos braços de Aya, fazendo-a levantar-se. — Quando deixámos de ter notícias vossas e os rumores começaram... temi o pior. Mesmo com a carta da conselheira Zuri, não tinha a certeza de que Trahir estivesse a dizer a verdade acerca da vossa segurança, ou se estariam a urdir mentiras para esconder a heresia do rei deles e impedir que eu retaliasse de imediato.

Will olhou de soslaio para Liam. Os outros Dyminara, incluindo Will, ainda estavam ajoelhados, porque não lhes tinha sido dada autorização para se erguerem. Mas parecia que a rainha só tinha olhos para Aya.

— Estás ferida? — perguntou Gianna, com tensão na sua voz suave.

— Não, Majestade.

— Tens a certeza?

— Sim. Temos a felicidade de ter amigos em Trahir. O novo rei será decisivo na guerra, estou certa disso. Tal como o foi para a nossa fuga de Rinnia e para a derrota do seu tio.

— Levantem-se — ordenou Gianna, com a atenção ainda voltada para Aya.

Liam ergueu-se lentamente, seguido por Will e pelos outros Dyminara. Por fim, o olhar de Gianna fixou-se em Will.

— Então é mesmo tudo verdade? O rei Dominic estava aliado a Kakos?

— Will assentiu com o queixo, mas parecia que a sua confirmação não chegava. — E aquilo que Zuri escreveu sobre o teu poder? Também é verdade?

— pressionou Gianna, focando-se novamente em Aya. E, mesmo que o seu

rosto mostrasse alívio ao olhar para a sua Terceira, Will tinha passado anos a estudar a sua rainha. Os ombros elegantes de Gianna achavam-se rígidos e o seu rosto redondo estava retesado — Will via-o nos olhos e nos lábios dela.

Ele olhou para Aya. Não conseguia ver a expressão dela, mas os seus gestos eram suaves e intencionais quando ela levantou uma mão e apontou com a palma para a janela.

— É — murmurou Aya. Ouvia-se um silvo e um pequeno estouro quando a janela começou a congelar e o gelo rastejou pelo vitral acima, como uma teia de aranha. Liam praguejou baixinho por trás de Will, à medida que o gelo ficava mais grosso até que o desenho dos deuses se tornou numa mera mancha de cor por baixo de uma superfície nebulosa, cor de marfim.

— Meus deuses — ofegou Gianna. Aya fechou a mão e o gelo derreteu de imediato, pingando água do vitral, como se fosse chuva.

Já não era uma Persi, mas a Segunda Santa — não estava limitada pelas ordens dos Visya criadas pelos deuses, possuía poder puro e em bruto, que rivalizava com o de Santa Evie.

A dada altura, Will pensou que Gianna iria cair de joelhos no chão. Ela oscilou um pouco, com a mão na garganta enquanto olhava estarrecida para Aya. Houve um longo silêncio, até que Aya baixou o braço e o queixo.

— Peço desculpas pelo nosso atraso — disse Aya, por fim. — Para poder confirmar que sou realmente aquela de quem a profecia fala, precisava de ser capaz de manipular o poder. Isso demorou mais do que ambos esperávamos. Mas sabia que não poderia regressar até que o conseguisse controlar. Até que vos pudesse ser útil, Majestade.

A explicação de Aya foi suave, e a voz tinha aquele tom de confiança calma que Will tinha ouvido muitas vezes nas reuniões da Tríade.

— Mas agora consegues... controlá-lo? — perguntou Gianna, quase sem ar.

Aya acenou novamente com a cabeça e Will observou um alívio, e talvez alegria, a faiscar brevemente no rosto da rainha.

— Louvemos os deuses! — exclamou Gianna, com os olhos luminosos ao avançar para Aya e ao pegar-lhe nas mãos. Mas um ligeiro franzir do sobrolho apareceu-lhe na sua fronte dourada quando voltou a palma da mão esquerda de Aya para cima. — Um juramento de sangue? — perguntou a rainha ao ver a pele marcada.

— Espero que não vos importeis — retorquiu Aya sem perder o ritmo.

— Os Dyminara... são a minha casa. Servir este reino, servir-vos... — Ela parou, e a expressão de Gianna transformou-se num sorriso suave e afável.

A mentira de Aya saiu com tão pouco esforço que até Will não conseguiu detetar a falsidade naquelas palavras. Talvez fosse porque ela as tinha revestido com uma camada de veracidade. Os Dyminara *eram* a casa dela. Mesmo com tudo aquilo que ele tinha partilhado acerca de Gianna — tudo o que suspeitava sobre a rainha deles —, isso não mudaria o facto de Aya ser conduzida pelo sentido do dever, e ela tinha um forte sentido de dever com Tala, com o seu povo.

E talvez ainda, lá no fundo, até com a rainha.

Will afastou esse pensamento e Gianna beijou as costas das mãos de Aya. — Tal como te disse uma vez, Aya, tenho orgulho por te ter a defender o meu reino. Não consigo imaginar ninguém mais leal, mais *verdadeiro*, que os deuses pudessem ter escolhido para liderar o nosso povo pelos tempos de trevas que virão. És uma bênção — sussurrou Gianna com reverência na voz, ao inclinar a cabeça para colocar a fronte nos nós dos dedos de Aya.

Will mexeu a mandíbula, mas continuou inexpressivo quando Gianna se afastou da sua Terceira e finalmente se virou para ele. — No entanto, parece que a escuridão já vos encontrou a ambos.

As palavras eram bem dirigidas e eram pesadas, com um sentido que ele não se atreveu a tentar decifrar. Em vez disso esperou sob o olhar de Gianna, que continuou inexplicavelmente suave quando disse:

— Por favor, explica aquilo que aconteceu em Tahir.

Will meteu as mãos nas algibeiras mais uma vez, fazendo uma pequena vénia obsequiosa. — Com certeza, Majestade.

Manteve a explicação centrada nas descobertas que tinham feito acerca da corrupção na corte de Tahir, explicando como tinham sabido que Dominic era leal a Kakos e como Aidon não se tinha limitado a salvar-lhes a vida, mas sim salvado o mundo de um destino muito pior.

Porque Kakos, com o exército de Tahir...

Causariam a destruição, seguramente.

Quanto ao poder de Aya... deixou que a explicação dela própria fosse suficiente.

Gianna acenou com a cabeça quando ele terminou, com as mãos entrelaçadas uma na outra. — E não suspeitaste do rei?

— Ele escondeu bem o seu rasto — argumentou Will. — Até o príncipe herdeiro não suspeitava da profundidade da sua traição até que fosse quase tarde de mais.

— Um príncipe herdeiro que está prestes a tornar-se rei de um povo que duvida dele, se as notícias que chegaram às nossas costas forem verdadeiras.

— Aidon vai liderar bem o seu povo — interrompeu Aya — e ele *irá* ajudar-nos nesta guerra, Majestade. Estou certa de que a conselheira Zuri vos garantiu isso mesmo.

Mas dessa vez Gianna não deu atenção à sua santa. Tinha-a totalmente concentrada em Will.

— Compreendam — disse por fim, com suavidade — que estou muito desapontada. Enviei-vos para conseguir aliados e proteger a *única* hipótese que temos de vencer esta guerra. E vocês não apenas se deixaram capturar, como Trahir está agora em agitação por causa da morte do rei.

Uma desilusão calma mas firme marcava cada sílaba que a rainha dizia.

— A morte de Dominic foi necessária, Majestade — disse Will. — Com a parceria entre o rei e Kakos...

— Um crime pelo qual seria considerado culpado num julgamento adequado, e que teria facilmente ganhado apoio para a nossa causa de tomar uma posição contra Kakos — cortou Gianna. — Agora, Aidon tem de se concentrar em obter o apoio do seu povo. Como é que vocês esperam que ele venha em nosso auxílio, quando os seus próprios concidadãos poderão não o querer seguir?

— Não havia hipótese de julgamento. Tínhamos sido comprometidos. Ele ter-nos-ia matado.

— Um destino que ambos poderiam ter evitado, se tivessem feito o vosso trabalho — respondeu Gianna com gravidade.

— Majestade... — começou Aya, mas Will levantou uma mão.

— Não preciso que me defendas — disse Will com brusquidão. Aya eriçou-se, e ele não conseguiu ver se a afronta dela era verdadeira ou forçada. Não estava particularmente preocupado com isso. Estava demasiadamente concentrado em Gianna, muito confuso para tentar saber porque é que ela ainda estava a olhar para ele, não com raiva mas com uma espécie triste de desilusão — algo que parecia arrependimento. O que é que lhe estava a escapar?

— Dei-te ordens específicas e tu desapontaste-me — prosseguiu Gianna.

Will franziu a testa. — Perdoai-me, Majestade — murmurou. — Mas tendes a vossa santa. Tendes os vossos aliados. Eram *essas* as vossas ordens, não eram?

As palavras funcionaram exatamente como ele pretendia. Os olhos de Gianna brilharam de fúria, e a voz saiu-lhe num silvo ao atirar:

— *Estás a esquecer-te de quem és!*

Tal como ela.

Era raro que ela perdesse a compostura e que cada palavra que lhe saísse da boca não fosse cuidadosamente calculada.

Gianna respirou fundo, endireitando as costas, e as suas feições acalmaram-se, ganhando a firmeza que o reino atribuía à sua governante. Como se ela também soubesse que tinha revelado alguma coisa. Quando voltou a falar, a voz tinha voltado ao tom calmo que lhe era habitual.

— Também podem compreender porque temi o pior. — Deu um passo na direção de Will, e o sol cintilou na coroa de ferro quando inclinou a cabeça. — Imagina a minha consternação, quando suspeitei que o meu Segundo em comando estivesse a trair-me.

Will endireitou-se e, apesar dos seus anos de treino, não foi suficientemente rápido a esconder a sua surpresa. Aí estava ela. A peça que faltava — o pesar, a tristeza, que estavam por trás da reprovação da rainha.

— Compreendo a vossa desilusão, Majestade — disse devagar. — À medida que a situação em Trahir ia ficando mais volátil, deixei de receber as vossas cartas. E pensei que seria mais seguro não continuar a tentar contactar as nossas forças aqui, para que as nossas mensagens não pudessem ser intercetadas e decifradas. As consequências seriam demasiadamente graves para assumir esses riscos. — Os olhos dele voltaram-se para Aya por um breve instante, antes de voltarem a fixar-se nos da rainha outra vez. — Foi um engano, e aceito quaisquer consequências que me deveis impor, por causa das minhas ações.

— Deixaste-nos às escuras — prosseguiu Gianna. — Não fazia ideia nenhuma do que era feito de vocês, até que os rumores começaram; até ter recebido uma carta da conselheira do novo rei, e mesmo então pus-me a pensar se não seria uma mentira, para apagarem o seu envolvimento. Para apagarem o *teu* envolvimento.

Will não pôde esconder a maneira como o seu sobrolho ficou carrancudo. Ele esperava que ela tivesse ficado frustrada devido à falta de respostas durante as últimas semanas, mas *traição*? Tinha sido sempre tão cuidadoso naquilo que dizia respeito a Gianna, e tinha sempre tentado assegurar que ela nunca poria em causa a sua lealdade. O único risco que alguma vez correria nesse aspeto fora quando aparecera na cela de Tova e lhe implorara que o ajudasse a tirar Aya de Tala.

— Não sei ao certo o que ela quer dela. Mas conheço suficientemente a nossa rainha para saber que isto é perigoso para a Aya...

Gianna saltava logo para uma acusação de *traição*, por causa de falta de comunicação?

A não ser...

A não ser que Tova lhe tivesse dito como ele tinha suplicado por ajuda, naquele dia, na masmorra.

— Continuo a ser-vos fiel como sempre fui, Majestade — disse Will por fim, encostando o punho ao peito. Podia sentir o bater do seu coração por entre os dedos cerrados. Estava tão veloz como os seus pensamentos.

Tova tinha concordado em ajudá-lo; ela sabia o quanto Gianna podia ser perigosa. Ela nunca trairia Aya assim. Não podia tê-lo feito. Ela tinha concordado.

Tinha *concordado*.

— Ainda assim — disse Gianna calmamente —, não me posso dar ao luxo de deixar que os erros passem sem castigo. Para mais quando estamos à beira da guerra. Não trataste da situação em Trahir como devias, William. As novas de que a Segunda Santa tinha aparecido, que se tratava da minha Terceira, colocam em risco tanto Aya como o nosso povo. Há consequências para tais falhanços.

— Compreendo, Vossa Majestade — replicou ele, firme. — Como disse, aceito humildemente quaisquer consequências que decidais.

Lena apareceu ao lado dele.

Tinha um fino chicote preto numa das mãos.

Havia dor nos olhos castanhos de Gianna, e até mesmo mágoa, quando disse com suavidade:

— De joelhos, Justiceiro!

# 3



**A**s palavras pareciam a primeira pedra atirada a um lago calmo, e o significado demorou um instante para se instalar na mente latejante de Aya. Viu o chicote e um terror gelado percorreu-lhe a espinha ao perceber aquilo que Gianna queria fazer.

— Majestade... — começou Aya, mas os olhos de Will fitaram os dela, com uma tempestade estampada neles.

— Se pedis uma prova de lealdade — interrompeu ele, dirigindo-se a Gianna —, certamente sabeis que irei obedecer.

Aya já tinha visto antes guerreiros a serem castigados. Tinha presenciado Sensainos a usarem o seu poder para manterem em sentido a guarda de elite. Mas isto não era uma prova normal de obediência. Brandir um chicote em vez de um poder era uma punição arcaica e intencional.

Era uma humilhação.

Uma retribuição pelo embaraço que tinham causado à sua rainha.

E talvez Will tivesse razão. Talvez fosse mais do que um castigo. Talvez fosse uma forma de garantir que ele se mantinha leal, mesmo perante uma severidade destas. Afinal, Gianna tinha desconfiado de que ele era um traidor enquanto tinham estado fora, uma suspeita que Aya ainda não tivera tempo de analisar. Não quando Will tirava a sua camisa branca, desabotoando-a com mãos firmes e atirando-a ao chão.

*Não.*

Aya queria chegar até ele, mas mal se mexeu antes que uma mão lhe agarrasse o braço com firmeza. Liam estava ao lado dela, puxando-a para trás, até onde estavam os outros três Dyminara, exibindo gravidade no rosto ao ver a irmã esticar o chicote.

Lentamente, Will pôs-se de joelhos, e a imagem era tão parecida com aquele pesadelo que acordava Aya durante o sono que o estômago dela se contraiu. Tentou engolir, mas tinha a garganta completamente seca.

— Sabes seguramente que não tenho prazer nenhum nisto — disse Gianna com suavidade.

E, pelos deuses, as palavras soaram tão sinceras que Aya quase acreditou nelas.

— Entendido, Majestade. Fiz um juramento — disse Will. E, apesar de ele ter o olhar fixo em Gianna, Aya sabia que aquelas palavras eram para ela.

*Não importa a profundidade da queda.*

Era um lembrete — para não interromper, para não intervir, para não pôr em perigo qualquer das suas posições. Para o deixar enfrentar o seu castigo e reentrar nas boas graças de Gianna.

Aya cerrou os punhos, sentindo uma raiva e uma fúria aguda a atravessá-la. Estalava por baixo da pele, ativando e despertando o seu poder de forma tão brutal que ela teve de se esforçar por respirar fundo, através dos seus dentes cerrados.

Ele não lhe podia pedir isto. Não podia estar à espera de que ela ficasse ali imóvel, a vê-lo a ser brutalizado. Mas a força de Liam apertou-lhe o braço até doer e Lena moveu o seu próprio braço para trás e, de repente...

O primeiro estalo do chicote ecoou por aquele espaço. Fez com que Will fosse lançado para a frente, apoiando as mãos no chão de pedras redondas.

*Não reajas.*

O segundo estalo fez-lhe sangue.

*Não reajas.*

O terceiro arrancou-lhe um gemido de dor.

*Não reajas.*

A brutalidade ecoava pela divisão, com uma agonia que mal se instalava antes de começar o coro seguinte.

Respira. Estalo. Dor.

Respira. Estalo. Dor.

Respira. Estalo. Dor.

Aya sentia a mandíbula a doer, e os seus músculos gritavam enquanto ela se mantinha suficientemente firme para evitar vacilar de cada vez que se ouvia o som do chicote. Ela já tinha visto brutalidade. Até tinha participado nela e tinha aprendido a manter o rosto inexpressivo perante coisas dessas.

Mas isto... isto estava a pôr à prova cada bocadinho do seu autocontrolo. Estava a ir contra todos os instintos que lhe gritavam para que se mexesse. Que chegasse até ele. Que acabasse com aquilo.

O chicote estalou novamente.

E mais outra vez.

Os braços de Will tremiam e tinha as mãos abertas no chão, de cada

vez que um novo golpe o atirava para a frente. O sangue escorria-lhe das costas como regatos e saltava do couro entrelaçado de cada vez que o chicote se elevava no ar.

O golpe seguinte fez com que os braços de Will cedessem e ele emitiu um som estrangulado ao cair no chão.

A imagem de Will morto no chão relampejou na mente de Aya, aí permanecendo como o frio que não largava as montanhas.

*Ele não vai sobreviver a isto. Ela vai matá-lo.*

Aya escapou à força de Liam, mas a voz calma de Gianna atravessou a sala antes que desse um passo à frente. — Já chega.

Lena deixou cair o chicote imediatamente.

A respiração húmida de Will preencheu o silêncio tenso que se agitava pelo compartimento, e cada inspiração custosa atravessava Aya como se fosse uma lâmina. O peito dela arfava rapidamente, numa respiração ligeira, quando Gianna se aproximou de Will.

— Que isto sirva de aviso, William — disse calmamente a rainha. — Desilude-me assim outra vez e simplesmente perderás a tua posição. Entendido?

Will não se mexeu de onde estava deitado no chão.

— Sim, Majestade.

Aya quase nem ouvia a resposta dele. A dor marcava cada sílaba.

Gianna olhou para eles. — E que isto seja uma recordação para *todos* vós da gravidade daquilo que enfrentamos. A guerra aproxima-se — o destino do nosso reino depende de nós. Não há lugar para erros.

Voltou-se para Lena. — Leva-o a Suja.

Aya sentiu Liam a passar por ela, com passos rápidos e postura firme ao ajudar a irmã a levantar Will do chão. Aya não conseguiu desviar o olhar da sua carne dilacerada. As costas dele eram como uma tela macabra, cheia de sangue e de pele esfolada.

A cabeça de Will pendia, mole, e tinha o cabelo negro ensopado de suor quando os gémeos o arrastaram para a porta, como se a inconsciência estivesse prestes a chegar.

*Vou matá-la.*

Aquele pensamento era a única coisa nítida que se opunha ao rugido nos ouvidos de Aya. Sentiu um formigueiro nas palmas das mãos ao ver Will desaparecer, e as mãos tremiam-lhe de medo, de *raiva*, de...

— Aya.

O seu olhar voltou-se para a rainha, que lhe estendia a mão. A gravidade

ainda enchia o rosto de Gianna, mas os seus olhos estavam mais suaves, assim como a sua voz, quando lhe disse:

— Vem. Vou acompanhar-te aos Aposentos. Tova está lá à tua espera.  
Tova.

Aya não se conseguiu mexer. Não conseguiu *respirar*.

Gianna tinha desconfiado de que Will era um traidor. Uma suspeita que só *uma pessoa* poderia ter semeado na mente da rainha. Mas... Tova não podia... não *teria* contado a Gianna que Will suspeitava que a rainha deles não era merecedora de confiança. Tinha concordado em o ajudar — foi isso que Will dissera.

Contudo... isso tinha sido há meses. Talvez Tova tivesse mudado de ideias durante o tempo que esteve na prisão.

Aya fez um aceno de cabeça. O único assentimento que se permitiria a si mesma.

*Deixemo-los ver aquilo que eles querem ver.*

Essa frase era um preceito da sua preparação, um em que Aya era especialista.

Enganos. Disfarces. Mentiras.

Caminhou até Gianna, com os braços atrás das costas, as mãos nos antebraços para impedir que tremessem. Deu passos seguros e a sua postura não vacilou.

Nem sequer quando pisou o sangue de Will e os seus passos deixaram atrás de si um rasto carmesim vivo em direção à porta.

# 4



Quando Aya era mais nova, o pai tinha-lhe ensinado um truque para acalmar a sua mente ansiosa.

— Faz uma lista daquilo que podes ver, *mi couera* — dizia.

Isso fazia com que as mãos dela parassem de tremer; que desaparecesse o formigueiro que sentia nos membros; que a respiração lhe queimasse os pulmões, que pareciam não se querer abrir.

*Pinheiros altivos.*

*Parte da muralha.*

*Pedras no chão.*

— Desculpa por a tua receção ter sido manchada por uma coisa tão desagradável — murmurou Gianna, enquanto avançavam em direção aos Aposentos.

*Um corvo.*

*Um ramo partido.*

*Musgo.*

Não estava a funcionar. Porque mesmo que Aya parecesse estar calma, assentindo com a cabeça, sentia-se completamente desligada de si mesma, como se fosse uma intrusa no seu próprio corpo.

Aya olhou para trás, quanto mais não fosse para ocultar qualquer lampejo de emoção que poderia não ter conseguido eliminar do rosto, e respirou fundo pelo nariz, lenta e silenciosamente.

Cleo seguia-as a uma distância respeitosa, juntamente com seis membros da Guarda, cujas vestes eram de um carmesim tão escuro como o sangue nas botas de Aya. Engoliu o fel que sentiu na garganta quando Gianna lhe acompanhou o olhar e disse:

— Cleo foi uma adição muito bem-vinda para a minha escolta pessoal, agora que existe uma ameaça iminente.

O melhor que Aya conseguiu responder foi um ruído murmurado de entendimento. Fazia sentido que a rainha tivesse sempre consigo um elemento dos Dyminara. Em especial nesse momento, quando tinham uma guerra a pairar-lhes sobre as cabeças.

Uma Sensainos era uma escolha sensata.

Será que Will assumiria o encargo, quando estivesse curado? Será que Gianna iria confiar nele, depois de ter desconfiado de que era um traidor, ainda que só por um instante?

*E o que vais fazer, se tiver mesmo sido a Tova que levantou suspeitas à rainha?*

— Foram-te atribuídos dois guardas — dizia Gianna, fazendo com que Aya se abstraísse daquele mau pensamento. — Deverão encontrar-se contigo esta tarde, nos Aposentos.

Os ombros de Aya ficaram rígidos e os seus dedos das mãos contraíram-se. Todos os seus movimentos seriam observados em detalhe. Esforçou-se por manter uma voz calma. — Isso não é necessário, Vossa Majestade.

Uma das sobrancelhas douradas de Gianna ergueu-se na sua fronte. — Achas que vou deixar a Segunda Santa sem proteção? — Os lábios de Gianna cerraram-se enquanto passavam sob o arco que separava os espaços da rainha dos Aposentos. — Não vou cometer mais nenhum erro quanto à tua segurança.

— Se estou viva é graças a Will — retorquiu prontamente Aya. Sentiu um aperto no coração quando os seus lábios disseram o nome dele. O olhar de Gianna era como um ferro em brasa, mas Aya olhou em frente.

*Flores silvestres.*

*Pedras.*

*O complexo de treino, onde Will e eu esgrimimos há meses, perante os jovens estudantes Visya.*

— Pareces ter-te afeiçoado a ele — observou a rainha.

— Os rancores são infantis, perante a ameaça de guerra.

Gianna emitiu um som abafado de concordância, parando quando passaram a curva e entraram na clareira. Aya parou ao lado dela, e algo lhe doía no peito, ao ver as janelas de vitrais do pequeno palácio de pedra que brilhavam à luz do sol.

Os Aposentos. A sua casa.

Tentou imaginar o quarto que deixara há quatro meses, tentou lembrar-se de como era sentar-se na sua cama com Tova, enquanto o fogo crepitava alegremente na lareira e a sua melhor amiga a provocava por ela ter preferido ficar em casa mais uma noite, em vez de ir com ela para a cidade.

Era como se estivesse a olhar para uma outra vida.

— Quando é que ela foi libertada? — perguntou Aya, franzindo o sobrolho ao ver os jardins verdejantes. Os Terras usavam o seu poder para

fazer sair beleza do solo em todas as estações do ano, mas sobretudo na primavera. O espaço estava repleto de salpicos cor-de-rosa, vermelhos, púrpura e amarelos, e as flores agitavam-se ao vento que nunca cessava. Aya resistiu ao desejo de se enfiar ainda mais na camisola de Will, ao sentir o frio mordaz que o vento trazia consigo.

— Mal recebi a carta da conselheira Zuri. Já corriam pela cidade os rumores daquilo que ocorrera em Trahir. Quando se soube as notícias da Segunda Santa, proclamei oficialmente que Tova tinha sido alvo de uma armadilha orquestrada por Kakos, e que estava totalmente absolvida de todas as acusações — e que, ao assumir responsabilidades por aquilo que tinha acontecido no mercado, estava a proteger a tua identidade. Nunca foi realmente uma prisioneira, Aya. Ela sabia isso, e tu também.

E, contudo, Tova nunca deveria ter sido presa.

A expressão de Aya era fechada e respirou fundo, encarando o olhar de Gianna. — E os fornecedores de armas? Foram encontrados?

A rainha cerrou os lábios, franzindo o sobrolho, e uma vaga de desagrado percorreu-lhe as feições. — Não houve mais sinais deles. Mas podemos falar mais sobre isso amanhã, quando passarmos em revista os teus novos deveres.

— Novos deveres?

Cachos do cabelo dourado de Gianna agitavam-se com a brisa, mas a rainha estava quente ao apertar as mãos de Aya. — O nosso povo vai precisar de esperança, Aya. *Tu* vais ser o farol da luz nos tempos negros que aí vêm. — Aya abriu a boca para responder, mas Gianna continuou com um suspiro antes que ela pudesse falar. — Não conhecemos a guerra desde há séculos. Sei que os deuses nos prepararam... mas imagino que demos a nossa paz como um dado adquirido.

As palavras eram calmas, ponderadas. Havia preocupação no rosto da rainha, e era como olhar para um espelho do passado. O próprio reflexo de Aya tinha sido assim durante meses, em Trahir, quando o peso daquilo que estava perante ela era quase demasiadamente pesado para que ela o conseguisse suportar.

Meses antes, Aya teria visto essa suavidade, essa vulnerabilidade da sua rainha, como um sinal de confiança. Mas agora só conseguia ver aquele chicote e gotas de sangue como chuva, enquanto Lena atingia Will com ele, uma e outra vez, às ordens de Gianna.

Pelos deuses, como é que Aya tinha sido tão enganada? Toda a gente pensava que Will não era mais do que uma peça de xadrez nas mãos de

Gianna. Mas estavam enganados. Aya tinha sido a pior. Porque ela não tinha posto em causa a sua devoção, a sua lealdade, até ser tarde de mais. Ela manipulava, ameaçava e matava quem quer que a rainha ordenasse, porque Aya confiava em Gianna. *Acreditava* nela.

— Vai — instou Gianna, apontando com a cabeça para os Aposentos. — Tova está à tua espera no quarto dela.

A rainha já tinha dado alguns passos pelo caminho abaixo antes de Aya falar. — Dominic disse-me que me oferecetes em casamento a Aidon para fazermos uma aliança. Terieis realmente feito isso?

Não era sensato ser tão transparente; mostrar a ferida que tinha continuado a ulcerar com amargura, desde que tinha descoberto a verdade na carta que Gianna enviara a Dominic.

E, no entanto...

Precisava de ouvir Gianna dizê-lo. E talvez precisasse que Gianna soubesse que já não era ingénua acerca daquilo que ela fazia. Que agora era alguém com quem se devia contar.

Gianna franziu o sobrolho. — Foi apenas uma tentativa para ver até onde é que teríamos de pressionar Dominic.

Não era uma resposta. Ou talvez fosse. Porque Aya conhecia a sua rainha. Gianna teria feito aquilo que fosse preciso para ter o apoio de Trahir na guerra. Se isso significasse vender Aya para depois a obter de volta, ou talvez deixá-la lá para fazer o que fosse preciso que a Segunda Santa fizesse, Gianna não hesitaria.

E, nessa altura, Aya deixaria que ela o fizesse.

# 5



Aya tinha imaginado este momento há meses. Contudo, apesar de todos os cenários que se desenrolavam na sua mente, todas as conversas que se via a ter, tantas vezes, sem ser capaz de encontrar as palavras para reparar como devia aquilo que ela pensava ter-se quebrado entre elas, nunca imaginou *isto*.

Duvidar da sua melhor amiga. Ter raiva dela e estar confusa, porque nem sequer tinha a certeza de que Tova fosse culpada, e sentir culpa, porque, se havia uma pessoa que merecia ser o alvo da fúria de alguém, era Aya que mereceria a fúria de Tova.

Se Tova tivesse realmente traído Will... Será que Aya a podia culpar? Não tinha dado à sua amiga todos os motivos para pensar que eles a tinham abandonado ali?

Tova tinha estado durante meses na prisão, por causa de Aya. Tinha arcado com a responsabilidade por um crime que não tinha cometido. Por *mortes* que não causara. E mesmo agora, que se sabia que as encomendas de armas e o livro do Decachiré tinham sido colocados de propósito para incriminar Tova — e, pelos infernos, agora que se sabia até que ela tinha estado a proteger Aya —, isso não tinha apagado instantaneamente os meses que as tropas tinham passado a duvidar da general; os meses que os seus amigos, a sua própria *família*, tinham passado a duvidar dela.

Aya olhou para baixo a ranger os dentes, tentando acalmar-se, mas a visão do sangue que trazia nas botas fê-la suspirar fundo novamente, de forma trémula.

*Basta.*

Endireitou-se antes de bater com suavidade na madeira gasta, e entrou antes que se conseguisse convencer a si mesma de que não o devia fazer. Aya ficou parada à entrada e a porta fechou-se atrás dela.

Era como se não tivesse estado ausente um só dia.

Ali estava o toucador espelhado de Tova, repleto de maquilhagens, pincéis e lápis. Havia roupa espalhada pelo chão, que compunha de forma imperfeita um caminho até ao enorme espelho com moldura de ferro, ao lado da lareira de pedra. E em frente dele, no outro lado do quarto, estava

sentada Tova num edredão de seda de rica cor púrpura, com um livro esquecido na mão, a olhar fixamente para Aya. As almofadas estavam amarrotadas, como se ela tivesse estado deitada nelas há alguns instantes apenas, e tinha o cabelo louro-prateado num rabo de cavalo mal-arranjado.

O silêncio que se instalou pareceu uma eternidade.

E então mexeram-se ambas, saindo um som abafado de algum lugar profundamente escondido no peito de Aya, quando avançou para a amiga. Tova saltou da cama, deixando cair com um baque suave o livro no tapete cinzento que estava por baixo dela.

Colidiram no meio do quarto numa confusão de braços e pernas, e Aya podia jurar que as suas pernas quase cederam, ou talvez tenham mesmo cedido, e sentiu o forte aperto de Tova a abraçá-la e a levantá-la, sempre a levantá-la, mesmo quando o mundo em volta dela se estava a desintegrar.

— Estás em casa. — Tova disse aquilo muitas vezes, com palavras sussurradas contra o cabelo de Aya, e esta demorou algum tempo a perceber que talvez a amiga lhe estivesse a dizer aquilo para a tranquilizar, porque o seu corpo estava a tremer e a respiração era ofegante, saindo-lhe pelos dentes fechados enquanto agarrava Tova.

Podia sentir lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, mas não importava, porque Tova estava *ali* e estava a salvo, e abraçava Aya como se a amasse, apesar de tudo o que tinha sucedido.

— Estou em casa — disse Aya finalmente.

Porque aquilo — aquele abraço quente e o perfume a canela que a acalmavam mais do que qualquer tónico que um curandeiro lhe pudesse oferecer — era desde há muito tempo o único lugar onde Aya encontrava a quietude.

Onde encontrava a paz.

— Pelos deuses, tive saudades tuas — bufou Tova no cabelo de Aya, apertando-a mais. Os dedos de Aya enterraram-se no suave tecido da camisa cinzenta da amiga.

— Também tive saudades tuas. — Afastou-se do abraço de Tova e viu as lágrimas que lhe sulcavam a face, aquele tom rosado a transformar-se num vermelho profundo enquanto fungava. Aya analisou a amiga, vendo o brilho saudável do seu rosto redondo. A camisa larga que trazia mostrava os músculos tonificados dos seus braços e as calças castanhas ajustavam-se-lhe às pernas elegantes.

Parecia bem. Perfeitamente bem. Como se Gianna tivesse cumprido a

sua palavra e não a tivesse apenas mantido em segurança, como também confortável.

— Estás em segurança? Estás bem?

— Eu? Pela chama de Hepha, Aya, e *tu*? Quando Lena disse que Will tinha deixado de responder às mensagens pensei... pensei que algo horrível pudesse ter acontecido.

Aya ficou parada e a realidade invadiu-a mais uma vez.

*Suspeitei que o meu Segundo em comando estivesse a trair-me.*

Tova franziu a testa. — O que foi? — O seu olhar percorreu Aya, como se estivesse à procura de ferimentos. — Isso é sangue? — Tova esbugalhou os olhos ao fixar-se nas botas de Aya.

— Não é meu — murmurou Aya, cerrando os punhos de cada lado dos flancos.

Tova não pareceu ficar menos preocupada. — De quem raio é?

Aya espetou as unhas nas palmas das mãos ao tentar afastar de si o eco dos gemidos de dor de Will.

— Do Will. — Esfregou o peito com um punho, como se isso pudesse dissipar a dor que sentia. — Gianna mandou chicoteá-lo. Disse que era por causa dos seus fracassos em Tahir, mas...

*Suspeitei que o meu Segundo em comando estivesse a trair-me.*

— Ela disse que suspeitou que ele fosse um traidor, antes de regressarmos. Acho que o castigo se deveu a isso — concluiu Aya, com as suas próprias suspeitas a pesarem-lhe na língua.

Tova estava imóvel, com uma expressão calma. Lentamente, sentou-se na borda da cama. — Ela... pelos deuses, eu sabia que ela estava aborrecida, mas chicotadas? — Exalou um suspiro antes de abanar vigorosamente a cabeça. — Que Pathos o ajude.

Aya fixou o olhar na amiga, como se conseguisse descobrir a verdade sem fazer perguntas. Mas Tova estava perdida nos seus pensamentos, com o lábio inferior entre os dentes, e olhava para o chão.

— Tova — começou Aya, numa voz ligeiramente trémula —, tu... disseste alguma coisa a Gianna? — Os olhos cor de avelã de Tova eram penetrantes, quando se voltou para Aya. — Compreendo se o tiveres feito — continuou Aya, estendendo cautelosamente uma mão. — Mas preciso de saber o que...

— Achas que sou culpada de alguma coisa? — interrompeu Tova, com suficiente amargura na voz para fazer com que Aya vacilasse. — Estás a culpar-me pelo facto de ela o ter chicoteado?

— Não, eu...

Mas Tova já se levantara, corada e com os olhos afilados.

— Will passou *anos* a fazer a própria cama, com a sua insolência e a sua arrogância — silvou. — Não acredito que *me* estejas a acusar de ser a pessoa que levantou suspeitas acerca dele. Sobretudo quando fui *torturada* porque ele não se dignou a responder a uma mensagem de merda!

Aya abriu a boca, arregalando os olhos e deixando cair os braços. — O quê? — A pergunta saiu numa simples exalação, mal era um sussurro, sentindo um rugido distante começar a instalar-se nos seus ouvidos.

Tova mexeu o queixo e passou a mão pelo rosto, frustrada. Apesar de falar com mais suavidade, ainda revelava amargura quando disse:

— Não era assim que te queria dizer.

Aya podia sentir a raiva a agitar-se, a mesma raiva que tinha ocultado na antecâmara do palácio, a começar novamente a incendiar-lhe as veias.

— Gianna pensou que o Will estava a preparar alguma coisa — prosseguiu Tova. — Sendo eu o único elemento da Tríade que restava, ela suspeitou que eu tivesse uma participação qualquer nisso. Ou, no mínimo, que soubesse algo que não tivesse partilhado. Por isso, mandou que me interrogassem.

O fel queimou a garganta de Aya.

Dois vezes.

Tova tinha sido torturada por causa dela, duas vezes.

Tova soltou uma gargalhada curta e sombria. — A sério, Aya, o que é que esperavam? O que pensariam *vocês*, se o vosso Segundo em comando desaparecesse com a presumível Segunda Santa? Tens sorte por também não *teres* sido chicoteada.

As palavras eram tão amargas, tão cheias de traição, que Aya recuou como se Tova lhe tivesse batido.

Tova empalideceu e a sua expressão ficou grave, avançando para Aya. — Desculpa, não quis dizer isto.

Mas tinha dito. Aya podia ver o ressentimento no olhar da amiga e isso fez com que recuasse mais, cruzando os braços sobre o peito e assentindo uma vez com o queixo. — Está tudo bem — tranquilizou-a calmamente. — É verdade. Também sou responsável.

— Não, não és — disse Tova num ranger de dentes, com os olhos a brilhar. — Estavas a enfrentar algo inimaginável. *Ele* é que era responsável por manter a nossa rainha informada. Ele era responsável por te manter em *segurança*. — Abanou a cabeça. — Concordei com as dúvidas que

Gianna tinha acerca dele, até que te visse entrar por aquela porta. Mas, ainda assim, nunca disse nada contra ele. O que é que teria para poder sequer compartilhar?

Aya balançou as pernas. — Que te tinha pedido para fingires o interrogatório, porque ele...

Aya parou, franzindo o sobrolho ao observar a confusão no rosto da amiga, seguida por uma expressão de repugnância que lhe contorceu as feições. Tova riu-se novamente, com um som frio e áspero, muito diferente da vibração que ela sentia habitualmente quando estava na presença de Tova.

— Foi isso que ele te contou? Que veio ter comigo e tentou arranjar um modo de me poupar à dor? É assim que ele está a tentar aliviar a culpa por ter torturado um dos dele, apesar de saber que eu era inocente?

Aya conseguia sentir o silêncio crescente que lhe pressionava a pele, agarrando-se a ela da mesma forma que a pesada humidade o tinha feito, em Rinnia.

Tova abanou a cabeça. — Devias ter sabido que ele te estaria a mentir, mal dissesse alguma coisa que parecesse que se estava a importar com alguém sem ser com ele próprio.

O peito de Aya ficou mais apertado e, dessa vez, nem os punhos cerrados eram suficientes para afastar o estremecimento que sentia nas mãos.

*Não.*

Will não lhe podia ter mentido.

Ele *não* lhe teria mentido.

Aya tinha sentido a dor dele, a culpa, quando penetrou acidentalmente pelo escudo dele em Trahir. E depois disso ele contara-lhe a verdade: que tinha dito a Tova que estava preocupado com aquilo que Gianna pretendia fazer com o poder de Aya, e queria ajudar Aya a fugir de Tala.

Que tinha pedido a Tova que fingisse o interrogatório, mas que tivera de a torturar quando Gianna chegou à cela com Cleo, que teria sido capaz de examinar as sensações de Tova.

Will não lhe teria mentido. Não sobre isto.

Contudo, Tova ainda estava a olhar para ela, exibindo algo parecido com pena no seu olhar, e disse com suavidade:

— Sei que odeias o facto de eu ter sido questionada naquele dia. Sei que ouviste... tudo. E entendo que tivesses tido de trabalhar com ele em Trahir, e que tenhas tido de fingir que ele não é um monstro para que as coisas fossem mais fáceis. Mas Will é... — Tova abanou a cabeça, como se não se conseguisse lembrar de uma palavra suficientemente má para o descrever.

— Falemos de outra coisa qualquer — pediu com suavidade. Voltou para a cama, fazendo o colchão abanar quando caiu em cima dele. — Não me contaste nada sobre Trahir.

E apesar de a voz de Tova estar mais leve, o seu sorriso de lábios cerrados não correspondia ao olhar.

*Ele não teria mentido.*

Aya aclarou a voz, contorcendo as mãos por dentro das mangas da camisola de Will.

*Ele não teria mentido.*

Repetiu aquilo uma e outra vez, em silêncio e tão fervorosamente como qualquer oração.

— Certo — anuiu Aya —, é uma história emocionante.

E apesar de a tensão entre elas ainda ser palpável, os ombros de Tova relaxaram um pouco e o seu sorriso forçado tornou-se um bocadinho mais genuíno quando encolheu os ombros.

— Sabes aquilo que digo sempre — disse com leveza —, quanto mais dramático, melhor. — Bateu com a mão na cama, ao lado dela. — Anda. Conta-me tudo.

# 6



**W**ill tinha sempre imaginado que os sete infernos fossem um sítio frio. Estava enganado. O calor incendiou-lhe a pele, num ardor tão intenso que ele não suportava mexer-se. Algures, alguém estava a gritar. Uma outra alma torturada, provavelmente.

*Segura-o.*

*Estou a tentar. Ele esgueira-se como se fosse o raio de um peixe.*

Algo apertado enrolou-se em redor dos seus braços, segurando-o onde quer que estivesse deitado. Não abria os olhos, não podia abrir os olhos.

Não que isso importasse, de qualquer forma.

O fogo era o fogo, e Will não precisava de o ver. Podia senti-lo em cada centímetro da sua pele encharcada de suor. E quando pensava que a dor não poderia piorar, uma impressão abrasadora percorria-lhe as costas, numa sensação tão intensa que o fazia pensar que poderia morrer repetidamente.

Doía-lhe a garganta, e deu conta de que os gritos vinham mesmo dele.

Os olhos de Will abriram-se, mas era tudo um borrão difuso. Estava cercado por sombras escuras, duas das quais o seguravam numa mesa enquanto uma outra rosnava instruções, cada uma das quais lhe trazia mais uma onda de dor.

*Vais ficar bem,* dizia a terceira sombra, suavizando a voz quando lhe murmurava, sob os seus gritos. *Vais ficar bem.*

As cordas vocais de Will esticaram-se ao ponto de quase estalarem, antes de mergulhar outra vez na escuridão.

QUANDO WILL RECUPEROU A CONSCIÊNCIA, O ESCURO ERA fresco e calmante. No entanto ansiava por deixá-lo, e a urgência do seu desejo era tão intensa que não lhe conseguia dar um sentido.

Não, era melhor para ele ficar neste conforto, adormecido na cabina que compartilhava com Aya no mar, não era? Talvez conseguisse hoje convencer Aya a faltar ao treino. Restavam-lhes apenas poucos momentos de paz, antes de regressarem a casa.

Tentou alcançá-la, movendo o braço esquerdo para aproximar o corpo do dela, mas uma dor ardente irradiava-lhe pelas costas, por mais ligeiro que fosse o movimento que fizesse.

— Foda-se — resmungou, com a garganta tão seca como as areias do deserto de Preuve. Abriu os olhos, pestanejando, para com eles percorrer um quarto que não reconhecia. A luz trémula das tochas que estavam presas em arandelas banhava as ásperas paredes de pedra numa tonalidade suave de cinzento. Entrava uma luz difusa no compartimento, através de uma janela que estava por trás dele, lançando longas sombras na pequena mesa que se encontrava junto à cama onde estava deitado. Sobre a mesa viu uma bacia com água e uma toalha ensanguentada. E aos pés da cama estava uma velha cadeira de madeira que parecia demasiado pequena para o guerreiro esguio que nela estava sentado.

Liam olhava para Will, mas não se mexeu da posição de descanso em que estava: braços cruzados, pernas esticadas para a frente e pés cruzados nos tornozelos.

Will cerrou o maxilar à medida que as memórias regressavam. Gianna e a sua fúria, Lena e um chicote, e uma dor tão intensa que Will estava surpreso por não ter desmaiado antes. O olhar de horror estava estampado no rosto de Suja quando Lena e Liam o arrastaram para a enfermaria, antes de a escuridão abençoada lhe ter dado um breve alívio.

— Finalmente, raios — murmurou Liam, com a sua voz de barítono num tom cansado, ao olhar para Will. — Pensei que tivesses morrido. — Não parecia estar especialmente incomodado com essa possibilidade, mas pelo menos não se estava a regozijar.

— Quanto tempo é que estive desmaiado? — perguntou Will numa voz rouca.

Liam levantou-se e dirigiu-se à mesa, para pegar numa pequena taça com água. Baixou-se junto à cama e deu-a a Will. — Quatro horas. Desmaiaste quando eu e Lena chegámos aqui contigo.

Will não se incomodou em levantar-se para beber um gole da água, deixando-a suavizar a sua garganta ferida. Pelos sete infernos, só mexer o braço era uma agonia.

— Ias acordando de vez em quando durante o tratamento, até que Suja finalmente te meteu outra dose de tónico para a dor pela goela abaixo — prosseguiu Liam. — Foste um bocado parvo quanto a isso. — Encolheu os ombros. — Suponho que sejas coerente, até mesmo à beira da morte.

Estava tudo a voltar a Will. Tinha tentado recusar o tónico, sem

vontade de ser arrastado até aos seus abismos sem sonhos. Queria estar acordado — ficar alerta — para poder voltar para junto de Aya.

*Aya.*

Onde é que ela estava? O que é que lhe tinha acontecido depois de Lena e Liam o terem arrastado para fora daquela sala?

Liam cerrou mais os olhos quando se sentou novamente na cadeira, cruzando mais uma vez os braços, a olhar para Will. — Como é que te sentes?

Will grunhiu. — Maravilhoso. — Mexeu os braços para se erguer. A sua pele nua estava coberta de suor e as costas ardiavam mais do que qualquer fogo. A carne nova estava retesada como a corda de um arco. — Não tinhas de ter ficado — disse, inspirando fundo por entre dentes ao preparar-se para se mover. Liam encolheu os ombros, simplesmente.

Talvez sentisse alguma culpa por aquilo que a irmã fizera a Will.

*Tinha sido mandada fazer*, corrigiu-se Will a si mesmo, a contragosto.

Apesar de Lena não ter demonstrado muito incómodo com a tarefa.

A sua visão ficou esborratada, sentindo a dor a ondular-lhe pelas costas abaixo quando se apoiou nos antebraços. Deixou escapar um grunhido de agonia antes que o pudesse evitar.

*Inferno.*

— Por isso é que eu te disse para não te mexeres — repreendeu-o uma voz quente, à entrada do quarto. Suja entrou apressada, com os braços carregados de vários frascos e latas que pôs em cima da pequena mesa junto à cama. O seu longo cabelo sedoso estava preso numa trança que lhe caía pelas costas, e a sua túnica branca de curandeira estava manchada de sangue — se tivesse de adivinhar, Will diria que era o seu próprio sangue. Uma expressão carrancuda ensombrava-lhe o rosto, formando rugas na sua suave pele castanha.

Will tinha-se interrogado, durante a confusão provocada pela agonia, se Suja sabia que ele ia estar sob os seus cuidados nesse dia; se Gianna tinha garantido que a melhor curandeira dos Dymnara estaria por perto. Era evidente que Suja não estava à espera *disto*, mas era revelador que ela estivesse ali, a postos.

— Estava consciente quando deste essas instruções? — perguntou, entre dentes, ao sentar-se direito. Sentiu-se um pouco tonto com o movimento, e a dor ficou mais forte antes de, lentamente, se dissipar até se tornar numa queimadura constante. A curandeira não se deu ao trabalho de responder, pondo-lhe uma mão no ombro nu e puxando-o gentilmente para a frente, para poder inspecionar-lhe as costas.

— Vais precisar de ter cuidado com os teus movimentos durante o dia. A nova pele é delicada.

— Já reparei. — Will silvou de dor quando Suja tocou numa das áreas mais sensíveis. Endireitou-se e pegou numa lata de unguento. Era frio como gelo e tinha um cheiro doce e enjoativo, e Will lutou para ficar quieto enquanto ela o esfregava nos ferimentos.

— Vais ter de pôr isto duas vezes por dia durante a próxima semana. Vai acelerar a cura e ajudar à cicatrização. — Os grandes olhos castanhos de Suja estavam repletos de solenidade quando fitou os dele. — Tentei limitar os danos o máximo que consegui, mas alguns ferimentos...

— Estou-te agradecido, Suja, como sempre. — Ele sabia que os curandeiros também tinham os seus limites. O trabalho que faziam podia ser quase milagroso, mas Mora, a deusa do destino, nunca lhes teria dado toda a profundidade do seu verdadeiro poder. Ter sido capaz de fazer com que a sua pele se regenerasse como já estava...

Bem, isso dizia muito da extraordinária perícia de Suja com o seu poder de Anima.

Ela ergueu uma das suas sobrancelhas castanho-escuras. — A lisonja não te vai safar de tomar mais uma dose de tónico para a dor.

— Não. — A resposta foi curta, mas ele não se importava. Não se iria entregar outra vez à calma do tónico, isso é que não. Não fazia ideia de onde é que Aya estava nem do que é que ela tinha enfrentado desde que tinha ficado inconsciente.

E depois havia a questão de Gianna. Will sabia que teria de enfrentar consequências por causa dos seus fracassos em Trahir, mas suspeitava que o castigo se deveria mais às suas suspeitas momentâneas de traição, e ele não tinha acreditado, um segundo que fosse, nos argumentos que a rainha avançara para as ditas desconfianças. Correspondência atrasada, apesar de não ser desejável, não era uma coisa suficiente para provocar tais dúvidas. Não quando tinha passado anos a construir uma relação de confiança com Gianna.

— Precisas de descanso, Justiceiro — insistiu Suja.

— Descanso quando morrer.

— Que é o que te vai acontecer se não me *ouvires* — atirou a curandeira. — Vais passar a noite aqui. O descanso vai acelerar a tua cura. Com o favor de Mora, serás capaz de sair daqui amanhã e regressar aos teus deveres, se descansares.

Will engoliu a réplica. Tinha dúvidas de que a deusa patrona dos curandeiros e dos portadores da morte lhe desse importância.

*Se desse, não estaria neste sofrimento de merda.*

Suja esticou o tônico na direção dele, e Will reprimiu uma maldição ao ceder, engolindo o líquido amargo em dois tragos. Ela deitou-lhe um olhar orgulhoso. — Fica na cama. Estou a falar a sério. Se rasgares a pele nova graças à tua impaciência, não me chames para te curar outra vez.

Will não conseguiu evitar o sorriso que se formou nos seus lábios. Apesar de poder cuspir fogo, Suja nascera com o temperamento dos Anima mais verdadeiros. Era bondosa e calorosa, e nunca deixaria de tentar curar um guerreiro ferido. Ela sabia disso tão bem como ele.

Ela apertou os lábios e uma emoção qualquer brilhou no seu olhar. Era quase como se ela se estivesse a esforçar por não dizer mais nada. Mas olhou para Will e para Liam, e o que quer que tenha visto deve tê-la impedido de dizer algo mais, porque deu meia-volta e saiu sem dizer mais nenhuma palavra.

— Uma mulher encantadora — murmurou Will, consciente de que Liam o observava atentamente. O Persi levantou-se da cadeira com um suspiro.

— Cuidado — avisou Liam —, essa insolência foi aquilo que te pôs aqui, antes de tudo. — Foi até à porta e apoiou as mãos na ombreira quando Will o chamou.

— Onde está Aya?

— Com Tova, julgo eu. Porquê?

Will lutou contra a sonolência imediata que se abatia sobre ele. Se Tova realmente o tinha entregado a Gianna... o que é que estaria reservado a Aya, então?

*Ela não fará mal a Aya. Ela ama-a.*

Liam ainda o observava, com um olhar calculista. — Consigo pensar em pelo menos cinco pessoas, mesmo na minha confusão causada pela droga, que a querem ver morta, Liam. Precisa de proteção, senão pode ser assassinada ainda antes de a guerra começar a sério.

Uma expressão de aborrecimento perpassou pelo rosto de Liam. — Gianna atribuiu-lhe alguns dos seus guardas.

Aya iria detestar isso. Tal como ele — iam precisar de ser ainda mais cuidadosos do que ele tinha pensado, nas suas interações um com o outro. — Além disso — acrescentou Liam, sombriamente, chamando de novo a atenção de Will para a porta —, a guerra já começou.